

Biopolítica e Produção Colaborativa: A rede de trabalho criativo *ItsNoon*¹

Mariana Faro Ferreira²

Resumo

Considerando a complexa constituição sociotécnica das redes de trabalho contemporâneas, este trabalho centra sua investigação nas dinâmicas produtivas que se desenvolvem no âmbito da plataforma brasileira *ItsNoon*. Tal investigação pretende, a partir dos processos colaborativos que se tecem entre os agentes dessa rede, discutir a dimensão biopolítica do trabalho imaterial, problematizando as cada vez mais estreitas relações entre produção, criatividade e colaboração. Compreende-se que estas plataformas, cujas dinâmicas se pretendem horizontalizadas, se revelam ao mesmo tempo como possíveis espaços de expressão livre e lugares de condicionamento do que tomamos como trabalho criativo, sujeito a demandas e vinculações pré-determinadas. Identifica-se simultaneamente captura e escape da vida, a partir das capacidades inventivas e criativas investidas nos processos de produção colaborativa.

Palavras-chave: *biopolítica; redes; colaboração; criatividade; itsnoon*

1. Introdução

Na contemporaneidade, nossas formas de vida e produção estão reinseridas em densos processos que envolvem máquinas de comunicação, redes sociotécnicas e instituições globais. Em meio a estas reconfigurações, novos modelos produtivos são gestados, baseados na reprodução contínua de informação, onde processos de subjetivação são permeados por uma lógica produtiva que se propaga por toda vida social. Em uma economia de base informacional o valor gerado suplanta o bem produzido. De forma análoga ao que podemos identificar como uma tendência à desmaterialização, caracterizada pela subjugação do produto pela marca e do hardware pelo software, o mundo do trabalho se desenvolve em sua dimensão imaterial. São os sentidos, conexões, afetos; os valores atrelados ao que – e como – se produz que determinam sua característica essencial. Um sistema produtor de valores e novas subjetividades, que confronta o trabalhador cognitivo com a criação constante de produtos intangíveis e o faz operar um maquinário de informação, conhecimento e afetividade.

¹ Artigo apresentado no Eixo 3 - Comunicação Corporativa e Práticas de Produção e Consumo Online do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura realizado de 20 a 22 de novembro de 2013.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Inserido neste sistema produtivo, o produtor pós-industrial deve ser um investidor de si, em seu aspecto mais subjetivo, capaz de manusear o intangível e transformá-lo em significado. Nesse cenário de valorização de capital humano e criação ininterrupta de valor, *colaborar e inovar* se apresentam como as palavras de ordem da vez, reconfigurando as formas de organização produtiva através das redes comunicacionais. Presentes em plataformas virtuais, profissionais ligados à indústria do conhecimento agrupam-se em movimentos de criação coletiva estabelecendo relações produtivas a partir da forma rede. Na contínua integração das novas tecnologias de informação e comunicação aos processos de produção, cada vez mais globais e interconectados, as redes de redes se constituem como objeto econômico e político. O discurso do *wiki*³, a criação coletiva e a colaboração através das redes de computadores aparecem como ferramentas que possibilitam a realização plural de objetivos comuns a grupos geograficamente dispersos, onde a colaboração se apresenta não só como meio de produção e circulação, mas também como um valor essencial obtido nesses movimentos. Neste contexto, a dimensão comunicacional da emergência de redes de trabalho colaborativo torna-se indissociável da análise de suas implicações na relação entre vida e produção na contemporaneidade. Considerando o trabalho como esfera fundamental sobre a qual se organiza a vida contemporânea, pretende-se realizar uma análise que busque identificar os discursos e dinâmicas envolvidos na produção a partir de uma comunidade de produção criativa e coletiva na internet, atentando para os modos como estas práticas se configuram e se articulam com outras estratégias relacionadas as demandas de regulação social. Uma análise, portanto, que se desenvolva a partir das políticas de gestão da vida e das atividades produtivas para a compreensão dos usos e efeitos das redes de cooperação nas comunidades virtuais, bem como, de maneira geral, na vida das sociedades contemporâneas.

2. Laços produtivos: Biopolítica e Redes sociotécnicas

Discutir as relações entre trabalho e subjetividade em novos ambientes interacionais torna necessária a retomada de questões inicialmente relacionadas a certa regulação da vida social. Em *Nascimento da biopolítica*, Michel Foucault (2008)

³ O significado do termo *wiki* está ligado a uma noção coletiva de produção de informação. Refere-se basicamente a sistemas ou acervos de documentos criados coletivamente e abertos à colaboração na internet.

desenvolve ao longo do curso ministrado no *Collège de France*⁴, a noção de uma política que se constitui e se reafirma nas formas de governar as populações e seus modos de vida. Da passagem da soberania à disciplina, identificadas por Foucault no primeiro volume da *História da Sexualidade* (1988), emergem transformações nos modos pelos quais se opera o governo das populações. Dos corpos açambarcados, no primeiro regime, para a vida gerida e normalizada através do confinamento às instituições modernas, nas sociedades disciplinares. Na segunda metade do século XVIII, associada a um conjunto de técnicas biopolíticas, emerge uma nova forma de governar associada ao liberalismo, nas relações entre a política de ordem liberal e a constituição do capital humano como objeto sobre o qual a economia se detém. Trata-se desde então, da ascensão de uma economia e de uma sociedade – não de indivíduos – mas de unidades-empresa. O trabalhador neoliberal, o *homo oeconomicus* da empresa e da produção, é empresário de si mesmo, investido pelas relações de poder que produzem normatizações sobre a própria subjetividade.

Em diálogo com o legado de Foucault sobre as práticas de poder, outrora caracterizadas por sociedades de soberania e disciplina, Gilles Deleuze (2010) aborda a ideia de um novo estado de dominação em vias de tornar-se hegemônico: as sociedades de controle. Tal estado, cuja dominação envolve a vida quase em totalidade, se estabelece ao possibilitar não só a apropriação dos discursos e corpos, mas do pensamento e da imaginação. O controle ininterrupto que o caracteriza estaria então intimamente ligado aos espaços que as tecnologias de comunicação atuais permitem administrar instantaneamente, possibilitando um gerenciamento do tempo – e da vida – não antes experimentado. Diferente da disciplina que confinava, este modelo de dominação perpassa o controle contínuo, onde o corpo não precisa estar espacialmente limitado para se manter sobre vigília. O sistema de produção vigente apropria-se, mais do que da força física, sobretudo das forças inventivas, da criatividade e da expressão. Formação e capacitação tornam-se permanentes e cabe ao indivíduo do controle buscá-la de maneira contínua a fim de manter-se *empregável*. Nesse sistema, a autonomia não é suprimida, mas constantemente convocada a serviço da empresa, do projeto. Já fora

⁴ Curso ministrado entre os anos 1978 e 1979, como titular da cadeira *História dos sistemas de pensamento*.

dos espaços disciplinares, estabelece-se um sistema que cria modulações: com as densas redes sociotécnicas contemporâneas há novas liberdades, mas também diferentes sujeições. Deleuze (2010) coloca as questões que mobilizam o estudo das relações entre redes de comunicação e trabalho, ao nos indicar que cabe aos sujeitos submetidos a este controle continuado descobrir a que estão sendo levados a servir. Problematizar as questões referentes às novas formas de educação, trabalho e relações interpessoais mediadas através das redes tecnológicas parece ser um primeiro passo em direção a esta descoberta.

3. A vida como capital: Capitalismo cognitivo e trabalho biopolítico

A noção de um biopoder, trabalhada por Michael Hardt e Antônio Negri em *Império* (2005), decorre da acepção inicialmente desenvolvida por Foucault e recoloca, a partir de uma análise das novas formas de soberania contemporâneas, a questão do poder que se exerce sobre a vida. É na função de gerir a vida que o biopoder, enquanto sujeição dos corpos e governo das populações se estabelece na instituição de uma nova forma de soberania global. Decorrem daí as inter-relações desse poder (que produz) sobre a vida e a forma com que os processos produtivos passam a se estabelecer, sobretudo, em um sistema econômico que se desenvolve entre signos, redes e afetos. Essas novas modulações através das quais a vida é perpassada, se relacionam de forma direta com um novo sistema de acumulação e novas formas de organizar o trabalho. Através das sucessivas alterações tecnológicas que propiciaram nas últimas décadas mudanças na esfera da organização produtiva e da acumulação, diversos autores como Negri e Lazzarato (2001), Gorz (2005) e Hardt e Negri (2005), analisam as reconfigurações do sistema capitalista em face de tais transformações. Antônio Negri e Michael Hardt (2005) assinalam a passagem de um sistema de produção fordista, cuja figura da fábrica correspondia ao modelo de produção espacialmente delimitado, para um sistema pós-fordista ou pós-industrial, onde a rede passa a ser o reflexo da inovação difusa e descentralizada. Fruto da incorporação das insatisfações e movimentos da década de 1960 e 1970 que recusam o trabalho mecânico e repetitivo, da crise de um modelo de acumulação industrial, um novo paradigma passa a se delinear nas atividades produtivas a partir das últimas décadas do século XX, cuja base se encontra na centralidade da automatização, da cognição e da informação. Inovação e flexibilidade

dão a tônica desta nova forma produtiva incorporada pelo capitalismo. Ao tratar desse novo modo de organização do trabalho, Lazzarato e Negri (2001) abordam a necessidade do capital de produzir e apropriar-se de subjetividades duplamente ativas, atuantes a seu serviço enquanto produtoras e reproduzidas em tempo integral. Nossa subjetividade enquanto modo de ser e viver é convocada a produzir. Tal organização produtiva dá conta do fornecimento de mercadorias, mas, sobretudo, conforma todo o tecido das relações sociais. Na organização em rede, que vem substituir o sistema fabril no centro do sistema de acumulação vigente, consumo e produção se confundem, integrados nas manifestações da própria vida em sociedade.

A discussão em torno das transformações do trabalho nas sociedades informacionais tem levado a uma nova sociedade de produtores, como destacam Hardt e Negri (2005), em sua problematização sobre a produção de subjetividades ligadas ao trabalho imaterial, e Sennett (2006) ao discutir as novas virtudes associadas a um modelo de trabalho cuja ética se desenvolve a partir da cooperação, da sensibilidade e da flexibilidade. Na evolução para um novo estágio do capitalismo, se estabelece um apagamento das fronteiras entre mundo do trabalho e mundo da vida, caracterizado pela mobilidade espacial e a flexibilidade temporal da atividade produtiva. A noção de confinamento de corpos produtivos ao ambiente de trabalho fabril assume a roupagem eufemizada do *home office*. Mais do que arquivos na nuvem⁵ que estão disponíveis em qualquer dispositivo e em qualquer tempo, o trabalhador no capitalismo da cognição é levado a articular ininterruptamente sua própria vitalidade a serviço da produção.

Se anteriormente eram exigidos apenas profissionais capazes de manusear máquinas de maneira automatizada, são agora requisitos essenciais suas habilidades para criar e comunicar. Em uma sociedade alicerçada pelo conhecimento, o trabalhador deve se transformar em empreendedor, um articulador, capaz de estabelecer conexões e vender significados. Sua capacidade relacional se sobrepõe e condiciona sua capacidade produtiva, delineando uma gradativa migração - menos quantitativa do que qualitativa - da fábrica à rede. Ainda que existam fábricas e outras formas produtivas coexistindo nesse novo cenário, o paradigma do trabalho imaterial, da marca e do *branding*, passam

⁵ Utilizamos a figura da *nuvem* ao referir o termo *On cloud computation*, utilizado para designar sistemas de acesso virtual a dados alocados através de hardwares e softwares, em redes, como a internet.

a conformar todas as outras esferas da produção. Outrora separados espacialmente, vida social e produção se encontravam na natureza ambígua do tempo produtivo. Tal segregação cede lugar para a corrente inclusão da vida e dos ambientes da reprodução na lógica produtiva, seja no ambiente de trabalho virtualizado ou nos momentos livres voluntariamente destinados a capacitação. No atual momento histórico, a lógica do capital perpassa a vida integralmente. Se refletindo, seja por um controle intensificado do “conjunto das atividades vitais, produtivas e reprodutivas, intelectuais e manuais, instrumentais e comunicativo-efetivas” (COCCO; VILARIM, 2005, p. 175), seja por uma mobilização do trabalho no interior das redes sociais, perceptível nas diversas formas de cooperação social produtiva que se desenvolvem independente da gerência da lógica capitalista. O trabalho prescinde dos meios de produção exclusivos ao ambiente produtivo, uma vez que as redes estabelecidas socialmente por seus trabalhadores passam a ser o próprio local da produção.

O modelo de profissional em rede é um produtor de sentidos sistematicamente integrado, não associado. Na contemporaneidade, a figura dos sindicatos modernos é substituída pelo *networking* – a associação a serviço de si. “A informação, a comunicação e a cooperação tornam-se as normas da produção, transformando-se a rede em sua forma dominante de organização” (HARDT; NEGRI, 2006, p. 156). A aptidão para estabelecer conexões, criar significados, se apropriar de repertórios coletivos e integrar redes de conhecimento configuram os recursos vitais do sistema capitalista.

Uma economia imaterial que produz sobretudo informação, imagens, serviços, não pode se basear na força física, no trabalho mecânico, no automatismo burro, na solidão compartimentada. São requisitos dos trabalhadores sua inteligência, sua imaginação, sua criatividade, sua conectividade, sua afetividade – toda uma dimensão subjetiva e extra econômica antes relegada ao domínio exclusivamente pessoal e privado, no máximo artístico (PELBART, 2011, p. 23).

A produção baseada gradativamente nas dimensões intersubjetivas e simbólicas, não se encontra ligada apenas à produção fabril, em escala, mas à forma como os bens produzidos tornam-se dependentes de outros esforços associados à geração de valor e à significação. O trabalho imaterial não dá conta somente do processo intelectual, mas dos significados associados ao que é materialmente produzido. Este indivíduo produtivo,

que maneja símbolos e afecções, estabelece diferentes formas de relacionar-se e de se constituir como sujeito.

A produção de ideias, conhecimentos e afetos, por exemplo, não cria apenas meios através dos quais a sociedade é formada e sustentada; esse trabalho imaterial também produz diretamente relações sociais. O trabalho imaterial é *biopolítico* na medida em que se orienta para a criação de formas de vida social; já não tende, portanto, a limitar-se ao econômico, tornando-se também imediatamente uma força social, cultural e política.” (HARDT; NEGRI, 2006, p. 101)

Trata-se de produzir menos imagens do que novas subjetividades. Transformam-se nestas práticas fluidas e pautadas na mobilidade do trabalho imaterial as relações interpessoais e os modos de ser e agir no mundo. Tais requisitos, antes meramente profissionais, passam a convocar os indivíduos não apenas como trabalhadores, mas por toda sua vida social. Na verdade, é a própria vida social que passa a ser continuamente mobilizada, a exigência transpõe o horário de expediente para influenciar os demais momentos da vida “confundindo tempo de produção e de reprodução. Ele depende da criatividade coletiva; tende a funcionar em rede; deriva da cooperação intelectual; instaura espaços comuns de produção.” (PELBART, 2011, p. 84). Na combinação dos elementos que passam a caracterizar o trabalho nas sociedades pós-industriais, a expropriação pelo capital persiste no trabalho imaterial, encontrando nesse novo estado fonte inesgotável de produção de valor.

4. Redes de redes: Tecnologias de comunicação e plataformas colaborativas

Situadas entre os últimos anos da década de 1980 e o princípio dos anos 1990, as transformações iniciais produzidas pela internet no modelo centralizado de produção e comunicação massiva, irão encontrar na virada para o século XXI, novas estruturas de organização que irão pautar a discussão sobre uma web cada vez mais participativa, que recoloca o papel do público – de consumidor a produtor de conteúdo e informação – reconfigurando as relações entre empresas e clientes, e também entre instituições e movimentos sociais. Uma maneira de se organizar pautada em interesses comuns e compartilhamento de informações. Diferente da polarização de grupos de opinião da imprensa de massa, consumidores da mídia massiva tradicional, as redes sociais promovem comunidades a partir de interesses e atividades comuns. Essas comunidades

agem coletivamente e seu canal é constituído pela interação que se estabelece entre seus participantes (ANTOUN, 2008). Na medida em que se pretende dimensionar as instâncias comunicativas do processo de formação de comunidades de colaboração, toma-se como basilar o caráter distribuído e heterogêneo de sua constituição. Dada tal composição, é imprescindível que ao analisar as redes sociais que se estabelecem a partir das tecnologias de comunicação, seja sempre considerada a dimensão múltipla dos processos comunicacionais que operam nestas estruturas.

Este aparato tecnológico, como os outros que o antecederam, se desenvolve não autonomamente, mas nas inter-relações com diversas dinâmicas políticas e econômicas. Ao pensar as apropriações dessas técnicas no âmbito produtivo é necessário, tal nos indica Jollivet (2003), considerar as reconfigurações na organização e na própria natureza do trabalho, para que sejam abordadas as condições de difusão e uso das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC). Coloca-se a condição de conformação de um sistema, onde um trabalho cooperativo e reticular é mutuamente produto e produtor dessas tecnologias. Para além do caráter instrumental, “as NTIC se afirmam igualmente como tecnologias relacionais: elas instrumentam o relacionamento, a criação de relações interpessoais, a produção de redes sociais e a formação de comunidades” (JOLLIVET, 2003, p. 86). Ao possibilitar de forma nova e mais abrangente a relação entre usuários, as NTIC não só refletem como também afirmam um trabalho cooperativo e em rede. Onde a colaboração se coloca a serviço da inovação coletiva e co-produzida.

Nessa perspectiva, colocam-se novas questões relacionadas às práticas produtivas e reprodutivas que ocorrem através das tecnologias de comunicação. Questões que se relacionam com valores construídos e partilhados, na articulação entre o campo econômico, o político e, sobretudo o social, exigindo para sua compreensão análises que englobem aspectos micro e macro desse contexto. Dando seguimento à discussão empreendida até aqui sobre o sistema produtivo centrado nas dimensões informacionais, percebemos que a noção do trabalho se transforma assumindo formas flexíveis, no tempo e nos espaços destinados a produção. A doação de si, o investimento das capacidades mais subjetivas, é central nas atividades onde o profissional coloca sua expressão como serviço oferecido. Buscando abordar os temas da colaboração e da

criatividade nas redes sociotécnicas de trabalho, partimos, portanto, para a análise material das relações e discursos produzidos na plataforma objeto deste estudo.

5. Criação em rede: O trabalho criativo na plataforma ItsNoon

“O lugar onde a imaginação responde problemas reais da vida”, “uma plataforma que inspira e apoia a força criativa das pessoas” ou “*marketplace* de economia criativa”. Essas são algumas das formulações encontradas para descrever a plataforma brasileira de produção criativa *ItsNoon*. Criada em 2009 e em operação desde então, a plataforma reúne múltiplos agentes com ações diversas na sua dinâmica de funcionamento. Para compreendermos em que medida esses agentes se articulam e se afetam, pretendemos apresentar o funcionamento e as dinâmicas de colaboração propostas pelos gerentes da plataforma. Em sua página de apresentação, a rede convida os visitantes a participarem de chamadas criativas, mediante a criação de perfis – que funcionam como uma página pessoal dentro do site – onde podem ser postadas as criações de cada participante e a partir da qual são possibilitadas interações com outros usuários. Segundo o próprio texto, as chamadas são convites feitos para que os usuários respondam a questões de jeitos criativos. Estas respostas podem ser concebidas em formatos diversos, de fotografias a vídeos, músicas ou poemas. O espaço estimula ainda a interação entre os usuários, chamando os participantes a co-criar, encontrar parceiros de trabalho, além de votar nas criações. O site possibilita a remuneração pelos trabalhos realizados, uma vez que, de acordo com a página, todas as chamadas criativas remuneram os melhores criadores. As questões que dão origem às chamadas criativas são propostas por agentes diversos, de empresas a organizações não governamentais, interessados em obter acesso a percepções e ideias de pessoas de diversas partes do país. Cabe atenção especial à forma como o serviço é apresentado às instituições, “um espaço para acessar pessoas de todo os estados do Brasil (...) e fomentar o trabalho em rede, comprando informação e conteúdo criativo. Um material abundante, fruto da reflexão, interação e co-criação entre os usuários”.⁶ A participação na rede e as possibilidades de interação proporcionadas por ela se apresentam como benefício tanto para aqueles usuários dispostos a produzir peças voluntariamente quanto para os agentes interessados

⁶ Trecho retirado da página de apresentação da rede *ItsNoon*. Disponível em <http://itsnoon.net/> <Acesso em 15 de outubro de 2012.>

em acessar tais produtos. É possível observar desde as análises iniciais sobre as relações e discursos produzidos na plataforma, certa valorização das dimensões criativas e colaborativas associadas ao trabalho. Compreende-se que diversos interesses estão presentes nestas dinâmicas, entretanto, a participação e os conteúdos produzidos de forma colaborativa parecem ser o mote que agrega os diferentes agentes que se comunicam através da rede.

Com relação às formas de participação, quatro modos possíveis de ação na rede são apresentados na *homepage*. Assim, qualquer pessoa ou organização, mediante a criação de um perfil na plataforma, poderá a) participar das chamadas criativas; b) abrir sua própria chamada criativa; c) criar comunidades criativas; d) realizar apoios criativos. Durante a análise realizada, a plataforma registrava 249 chamadas encerradas e 4 chamadas criativas abertas. Dentre as chamadas abertas identificam-se propostas realizadas por atores radicalmente diversos, incluindo-se chamadas abertas pelo perfil do *Banco Santander* (como um banco pode te ajudar a poupar melhor o seu dinheiro?), outra por *Grow* (como você nutre o seu caminho de autoconhecimento e potencializa o seu ser pleno?), *Urbanarts* (criação de pôster para o evento *Monsters of Rock*) e ainda uma realizada pela própria moderação da rede (seleção de curadores para as chamadas criativas). Analisando as chamadas criativas em curso na plataforma, porém com maior ênfase nos modos de funcionamento propostos por sua gerência, discutiremos alguns pontos observados que estabelecem relações com as questões ligadas ao trabalho cognitivo e as tecnologias de informação e comunicação.

Trabalho voluntário e remuneração: Qualquer usuário da rede pode abrir sua própria chamada, desde que seja pago o valor mínimo de R\$100, valor identificado como referente ao uso da plataforma. As chamadas funcionam com premiações, remunerações (financeiras ou não) ofertadas àqueles usuários dispostos a responder às questões propostas em cada uma delas. A premiação de cada chamada deve ser escolhida pelo seu proponente, não estando aí delimitada nenhuma condição para sua constituição. É possível oferecer remunerações em dinheiro, outros prêmios (exposições, créditos, participação em publicações), bem como a combinação de ambas as formas. Os valores em dinheiro ofertados, contudo, devem obedecer à fórmula *valor distribuído + 20% em taxas administrativas*, percentual destinado aos custos

operacionais da plataforma. Os pagamentos, realizados apenas àqueles que tiverem suas propostas selecionadas, devem ser feitos através de créditos em contas dentro da *ItsNoon*. Presume-se que aqueles que não forem escolhidos terão simplesmente ofertado seu trabalho sem remuneração. Contudo, uma ressalva orienta os proponentes “Lembre-se: toda ideia/criação tem seu valor. Quanto maior o prêmio, maior a chance das pessoas participarem das #chamadas.”.

Direito autoral: Outra questão que chama a atenção durante a análise refere-se aos direitos autorais e de uso das peças e obras criadas. De acordo com a proposta da plataforma, existem duas formas de licenciamento possíveis. Uma ligada ao direito de uso de conteúdo e informação, para quem deseja obter *insights* e informações com as ideias postadas na chamada. “Todos os usuários que aceitarem participar sob esse tipo de licenciamento estarão cientes que suas ideias/criações servirão única e exclusivamente para inspirar o autor da chamada.”⁷ Compreende-se que sob essa forma de licença os criadores voluntários não terão suas peças reproduzidas, mas apenas tomadas como referencial para outras criações ou campanhas de comunicação. O segundo tipo de licenciamento, que compreende a compra de conteúdo e informação, destina-se aqueles proponentes que desejam comprar ideias através da chamada criativa. Sob essa licença todos os usuários que aceitarem participar cedem automaticamente os direitos de uso de suas criações para o autor da chamada. Em uma das chamadas abertas, que propunha a criação de cartazes para um evento, as especificações definiam os critérios de uso, considerando que ao inscrever seu cartaz o usuário cederia os direitos de uso da arte para a reprodução de 200 peças pela produção do festival. Além das peças e criações produzidas a partir das convocatórias, é oferecido pela gerência da plataforma também a possibilidade de extrair relatórios contendo os dados de participação referente a sua chamada. Quantidade de pessoas participantes; quantidade de ideias inscritas; formato das ideias inscritas; localização geográfica dos participantes, seu gênero e idade. A equipe se dispõe ainda a fornecer outros tipos de relatório a partir do interesse e da solicitação daqueles proponentes.

Imperativo da conexão e Reputação: Como as primeiras análises sobre este objeto indicavam, percebe-se em todo o discurso produzido pelos mediadores da rede

⁷ Trecho retirado da página da rede *ItsNoon*. Disponível em <http://itsnoon.net/> <Acesso em 18 de setembro de 2013.>

certa valorização das ações colaborativas. Após a criação de seus perfis os usuários da rede são convocados a “ativar e mobilizar” suas próprias redes, uma vez que “quanto mais gente, mais conteúdo, diversidade e colaboração”. A possibilidade de comentar, dar *feedbacks* e interagir com os participantes das chamadas também é promovida em todas as áreas da plataforma. Tal ambiente evidencia constantemente a insuficiência do ato individual de criar. O trabalho em rede torna-se imperativo a partir dessas estruturas uma vez que a partir delas é possível estar em contato e em troca contínua com outros sujeitos igualmente convocados a colaborar a partir de projetos e *briefing* coletivos. A plataforma aqui se anuncia como o grande espaço onde se congregam diversos criadores com a mesma disposição em *co-criar*. Apesar de ser uma característica proclamada como diferencial desta rede, tais modos de produção passam a ser o modo de funcionamento fundamental de todas as atividades produtivas realizadas através das redes sociais *online*.

Convocação de habilidades afetivas: Expressar sentimentos, sensações e desejos. Participar a partir da colaboração, comunicação e co-criação. Tais expressões perpassam constantemente as chamadas e convocatórias da rede analisada. São as possibilidade de interação, de estabelecer contatos e expressar criativamente suas percepções que definem os principais atrativos por ela veiculados. Apesar de ser uma rede aberta a qualquer tipo de usuário, identifica-se nos perfis individuais que a maior parte dos participantes que respondem às chamadas são jovens. A ligação profissional formal com ofícios estéticos, como design e publicidade, a princípio não parece se estabelecer como condição de participação, sendo a rede composta, grosso modo, por jovens interessados em criar e se expressar a partir de suas criações, ainda que de forma amadora. Não basta conhecimento técnico, quando cada vez mais aspectos subjetivos e o investimento das capacidades afetivas parecem condição fundamental para a participação e legitimação em uma nova lógica produtiva. Percebe-se nessa demanda por espaços de expressão e de conexão produtiva que saberes e habilidades são transformados em capital com o qual esse trabalhador informal (se) negocia na lógica empresarial – torna-se indivíduo-empresa. Como aponta Gorz (2005), essa mobilização ininterrupta dos predicados vitais pode ser claramente percebida nos serviços relacionais, como assistência, mas também naqueles ofícios de caráter artístico: como a moda, o design e a publicidade. Essa produção criativa, no contexto das redes *online*, se

estrutura em outras dimensões diferentes das estabelecidas em contextos produtivos modernos. Com o valor de inovação se sobrepondo ao valor de uma autoria individual, como observado nas relações colaborativas de criação na plataforma *ItsNoon*. De maneira geral, os ofícios ligados à criatividade e à inovação parecem encontrar na rede o espaço ideal para o desenvolvimento contínuo e compartilhado de ideias, *insights* e novos projetos.

O paradigma do coro polifônico improvisado se aplica por excelência às comunidades virtuais da internet, mas é, ao menos potencialmente, o modelo que está presente em todo trabalho interativo em rede. (...) O computador aparece como o instrumento universal, universalmente acessível, por meio do qual todos os saberes e todas as atividades podem, em princípio, ser partilhados (GORZ, 2005, p. 21).

A desmaterialização do trabalho possibilitada e, em certa medida, incorporada pelas tecnologias de informação e comunicação suscita dinâmicas nas redes cujas consequências podem ser apreendidas em uma dimensão política da atividade produtiva. É nessa perspectiva que Terranova (2000) introduz seu ensaio onde discute o contexto do trabalho livre, argumentando sobre a necessidade de um esforço analítico que possibilite “ir além da noção de que o ciberespaço é um escape da realidade, para compreender como a realidade da internet está profundamente ligada ao desenvolvimento das tardias sociedades pós-industriais como um todo.” Neste ponto de vista, a autora ressalta ser necessário considerar as conexões sociais, culturais e políticas da questão do trabalho em uma economia digital. Tomando o apagamento das fronteiras entre espaços de produção e consumo, trabalho e expressão cultural, Terranova salienta que este por si só não pressupõe o caráter autônomo do trabalho no ambiente virtual. O trabalho a partir da internet não configuraria automaticamente todo usuário em produtor ativo e os trabalhadores em sujeitos criativos. “O processo pelo qual a produção e o consumo são reconfigurados dentro da categoria de trabalho livre sinaliza o desdobramento de uma lógica diferente do valor, (ao invés de uma completamente nova) cujas operações necessitam uma análise cuidadosa” [tradução nossa] (TERRANOVA, 2000, p. 35).

6. Conclusão

Considerando este sistema produtivo que se desenvolve através das redes, retomamos, após nossa breve discussão sobre as propriedades do trabalho nas redes

virtuais, a evidente fusão entre tempo de trabalho e não trabalho. Por um lado, evidencia-se a reprodução submetida à lógica da produção, onde a vida social se subverte em formação do capital humano, na capacitação contínua visando a promoção do indivíduo-empresa. E, no outro polo, a potência da apropriação autônoma desses espaços de produção e criação por movimentos sociais, cujas causas sejam comuns a grupos dispersos geograficamente. Nesse contexto, contudo, a plataforma *ItsNoon* parece estar inserida mais na perspectiva de um espaço de enquadramento da criação coletiva na lógica produtiva do capitalismo cognitivo, do que na possível dimensão de produção autônoma, livre e descentralizada das redes. A partir das relações de gerenciamento, financiamento parcial das criações e condicionamento das criações a partir de demandas dadas, a plataforma se apresenta dessa forma muito mais como um produto comercializado sob a tutela de um valor colaborativo do que como uma rede onde a autonomia e as ações criativas de cada usuário possam se realizar. Nesse movimento de criar sob demandas pré-estabelecidas e de competir pela remuneração parcial, certa potência criativa e livre parece se perder ao se institucionalizar. Entendemos ser fundamental enfatizar a investigação contínua dos usos comunicativos das plataformas colaborativas para, a partir deles, identificar em que medida os efeitos observados podem contribuir para a produção de significados ligados a produtividade criativa e colaborativa, na lógica da produção de subjetividades e de sociabilização próprias das comunidades produtivas *online*. Não pretendemos realizar uma análise crítica e despotencializadora desses espaços de produção coletiva, mas atentar para as possibilidades colocadas a partir dos espaços de mobilização constituídos por meio dessas redes produtivas. Este trabalho se deu visando contribuir nesse sentido, frente à necessidade de abordar de forma crítica a produção colaborativa de conteúdos no âmbito das redes tecnológicas, como objeto de liberdades e possibilidades, mas também de reprodução de mecanismos de controle e normatização através dos movimentos provocados por seus atores.

Tomando a flexibilidade das condições de trabalho contemporâneas, situa-se como conclusão central a valoração não problematizada da criação coletiva e da própria ação de constituir estes espaços entre os agentes da plataforma objeto deste estudo. Considerando as reconfigurações que a evolução das tecnologias de informação e comunicação vem promovendo na vida social, coloca-se como fundamental dentro do

campo da comunicação abordar as implicações subjetivantes e biopolíticas dos dispositivos midiáticos que permeiam a vida social. Nesse sentido, deve-se considerar a centralidade de se investigar a construção das redes que constituem estes novos espaços de atuação, com ênfase especial no papel conferido às conexões na preeminência de um sistema econômico pautado na imaterialidade. Dada a importância das ferramentas comunicacionais no desenvolvimento de atividades ligadas à produção, tornam-se cada vez mais imperativos os estudos sobre as dinâmicas produtivas que se estabelecem em ambientes virtuais, bem como de suas implicações na produção de subjetividades.

7. Referências Bibliográficas

ANTOUN, H. **De uma teia à outra: a explosão do comum e o surgimento da vigilância participativa.** In: ANTOUN, H. (Org.) Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

COCCO, G; VILARIM, G. **Trabalho imaterial e produção de software no capitalismo cognitivo.** In Liinc em Revista, v.5, n.2, setembro 2009, Rio de Janeiro, p. 173-190.

DELEUZE, G. **Conversações.** Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2010.

FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica.** Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **História da Sexualidade, 1.** A vontade de saber. 3. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GORZ, A. **O imaterial.** Conhecimento, valor e capital. Tradução de Celso Azzan Júnior. / André Gorz. São Paulo: Annablume, 2005.

HARDT, M; NEGRI, A. **Império.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **Multidão.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

JOLLIVET, P. **NTIC e trabalho cooperativo reticular:** do conhecimento socialmente incorporado à inovação sociotécnica. In: COCCO, G; GALVÃO, A; SILVA, G. (Org.) Capitalismo cognitivo: trabalho, redes e inovação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LAZZARATO, M; NEGRI, A. **Trabalho Imaterial:** formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

PELBART, P. P. **Vida capital.** Ensaio de Biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2011.

SENNET, R. **A cultura do novo capitalismo.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

TERRANOVA, T. **Free Labor:** Producing Culture for the Digital Economy. Social Text 63, v 18, n. 2, Duke University Press, p. 33-57, 2000.